

Vento. Botimões de leite de foga de um cabalo, três pastores e a mulher de um cabalo. Em redor do fogo, ali, sobre de um vado de vinho, enquanto o vinhevelho espigado de milho. O vento, vindo de cá, gonido de porta aberta, espandido. Os dois pastores é vinho, e assim será identificado. Outro será identificado simplesmente como "pastor", enquanto o pastor rigo vento e sua mulher serão identificados como "marido" e "mulher")

Marido: (lamentoso, de vado, para fazer um alto discurso ao vento)
É um quando alguma nasce, é um quando alguma morre...

Mulher: Não fale tristura, homem, não!

Marido: (contestado, hesitante e impvido) ...porquê o vinho corre!

Mulher: O vinho de um velório não tem gosto de vida.

Marido: A vida de um pastor é guitar as ovelhas e acompanhar vinho...
Mas não das velórios ou nas trancimentos, porque quando alguma nasce,
E assim quando alguma morre... (isto)

Mulher: O vinho de um velório tem gosto de morte.

Marido: ...o vinho corre!

Pastor: Vinho tem sempre o mesmo gosto.

Marido: O vinho corre e as ovelhas ficam girando... A vida de um pastor
É ver ovelhas, não quando o vinho corre... (isto)

Mulher: Este vinho tem um gosto espigado, sem morte sem vida.

Marido: ...as ovelhas ficam girando; por isso as ovelhas não deviam dar leite, deviam dar vinho! (isto)

Mulher: É um que você se foga qual?

Marido: A vida de um pastor é comer queijo, sem vinho, mas quando alguma nasce ou assim quando alguma morre... (Vai beber, mas o Pastor se levanta e lhe apresenta o vado)

Pastor: O vinho corre, assim dizem sempre. (isto, e passa o vado ao Vinho, enquanto o Marido volta à roda)

Mulher: Este cabalo é um bom lugar para morrer, é cómodo para passar o vento
bater ali!

Mulher: Já vii morto, mas nunca vi morto vento.

(O Pastor recosta de volta o vado, bebo!)

Pastor: Vinho com vento, vento com vinho...

Mulher: Nunca vi um drinque demorar tanto para morrer.

Marido: Por tempo que ela começou a gemer lá dentro... 2

Pastor: A não gemendo no cabano, e aqui fora a vento gemendo.

Mulher: O primeiro é sempre mais demorado.

Marido: De demorar mais um pouco vou apertar bônda. (Paga o odre, bebe)

Pastor: Ela vai ser satisfeita.

Marido: O quê?

Pastor: Está ventando de verdade.

Marido: Se eu não bônda no aceno o vinho; é sempre pouco vinho...

Mulher: Meu primeiro filho não demora nada. A gente morava na montanha, e naquele tempo esse aí (o Marido) não bebia, não come pra coçar, voltava de noite; e a gente vivia de malgar a carne e entregar no cavalo, e depois tem muitas bocas pra comer no cavalo.

Marido: (Nostálgico, bêbado) Naquela tempo eu estava até lobo...

Mulher: Naquela dia ele tinha descido a montanha com duas mulas, pra levar carne pra fogue.

Marido: Já estava lobo na pencaide...!

(Pastor começa a viver bêbado como lobo, ironicamente)

Mulher: Eu fiquei parada na cabana da montanha. Então apareceram uns cavaleiros: gongosteiros, e eu vi que era o duque com três ou quatro guardas. Era a segunda vez, desde que a gente morava lá, que o duque ia coçar na montanha; e eu sabia que iam querer comida, iam passar o dia inteiro bebendo, depois iam voltar com fome de lobo.

Marido: Se eu não tivesse descido a montanha, o duque tinha morrido aquela dia.

Mulher: O duque deixou os cavalos e um menino pra cuidar dos cavalos, e saiu com as guardas; foi então que o meu primeiro filho começou a chorar no barriga, e nasceu; nasceu de repente, não demora nada. Eu segurava ele no ar, protejava de uma fada pra cortar o cordão, não não chamei o menino dos apêlidos.

Marido: Se eu estivesse lá, tinha matado o duque naquela dia.

Mulher: Eu já tinha visto como as cadelas fogem, a gente tinha um cadela pastora; então cortei o cordão na boca, do jeito que as cadelas fazem.

(Se vive que o Pastor deixara terço amantado, transferindo-se - imperceptivelmente - da boca do Pastor para um amplo efeito de onipresença. Se três.boncos poderia a partir de agora diluir

qualquer posição colapsada entre si, assumindo uma posição dramática e frontal em relação à platéia. A Mulher poderá continuar ajoelhada, ficando seu rosto para a platéia. Após o relato, o clima tenso poderá continuar a ser mantido, com os diálogos sendo entrelaçados nas necessidades de se encaramarem reciprocamente).

Marido: Mas por que com o boneco?

Mulher: Eu tinha esquecido de levar pra perto um facho; mas não tinha esquecido a bacia d'água, então lavei aquela sua primeira filha e fiquei desconfortável. Depois eu lavei. Já tinha chegado a noite, por isso minha mãe veio pra direita com quem parecia aquela filha; porque ainda não tinha conhecido quando o duque voltou, e eu levantei pra beijar e acarar a carne que trocaram. Antes de deitar pra ter o filho eu tinha deixado muita lenha no fogo, e foi a minha corte: ainda tinha muita brasa viva pra acender o fogo. Acendi muita carne e eles comeram quase tudo. Naquela tempo esse homem (o Marido) quase não bebia, por isso a gente tinha muito vinho guardado; e o duque e os guardas bebiam quase tudo. O que não conseguiram beber, derramaram; e o que não conseguiram comer, o duque atirou pra outside lá fora, e ficou de pé na porta com o arco esticado e a flecha pronta; e quando ele atirou a flecha a outside caiu lá fora; gente e tudo se dirigiu da cozinha, porque o duque atirou outra flecha e ele morreu quase na porta, não sei se ia atacar o duque, não sei se viaha se proteger, só sei que morreu perto da porta, caído de pé dentro da cozinha.

Marido: (A voz firme, quando um voz trêmula pode ser firme) Eu devia estar lá naquele dia...

Mulher: Eu não conseguia ficar de pé direito, e no meu sangue por todo o filho tinha caído; por isso fiquei encostada no fogão, parada; e continuei ali encostada no fogão quando o duque falou que ia levar aquela filha; e levei; e eu continuei ali parada no fogão, com sangue secando nas pernas, até que o fogão foi esfriando; e já estava frio quando ele (o Marido) voltou, e eu disse: vouco buscar a montanha pra minha mãe voltar. E foi então que vimos aqui pra platéia...

Marido: E eu nunca mais matei um lobo. Acho que foi por isso que perdi a coragem.

Talho: E matar lobo aumenta a coragem de alguém?

4

Marido: Um lobo é um animal corajoso. Ele foge do caçador até onde pode; quando não aguenta mais, vira de repente e enfrenta os cachorros; já vi um lobo sozinho matar três cachorros maiores que ele. E quando o caçador alcança os cachorros, o lobo está lá lutando, até morrer de fome ou de ganância. Quem mata um lobo desesperado ganha a coragem dele, porque é preciso muita.

Pastor: Tanto de lobo, sangue de urso...

Marido: Eu estive na frente do duque, depois que a gente deixou as montanhas; fui até o castelo pedir permissão pra viver com pastor. Ele ali é três vezes de mim, e não teve coragem. Eu tinha a minha faca na cintura, senti no sangue um calor e uma tontura...

Pastor: Sangue de lobo...

Marido: ...mas não puxei a faca; as guardas também estavam ali, era matar e morrer.

Mulher: Então o duque falou que a senhas ia viver bem; com muita comida, pra crescer mais forte até que as montanhas.

Marido: Ele falou "eu vou ter mais um filho, preciso de um pagão. Você devia ficar honrada porque seu filho vai ser pagão do meu". E eu pensei: "Mas as montanhas ele ia ser livre". Mas não falei nada.

Mulher: Era nosso primeiro filho, e também foi o último.

Marido: Eu tinha a faca, mas não tinha mais coragem; eu não era mais um caçador, eu já era um pastor.

Pastor: Sangue de ovelha...

Talho: E teu sangue também não é de ovelha?

Pastor: Eu arde ovelhas para o duque mas não bebo o sangue delas.

Mulher: Um dia o duque vai entrar na tua casa e vai te levar um filho... Quanto mais filhas nós temos, mais ele precisa de guardas. Quem toda mulher do pastor já pariu filho pra ser guarda do duque. (Inda para a cabana) Vou ver se não nasce eu não. (Os três homens continuam seu tenso diálogo, mas deixando a tensão à medida em que vão voltando a tomar as posições cotidianas no rodo)

Talho: E essas meninas que ele leva vão comer a carne mais gorda das nossas ovelhas, e vão comer o trigo que plantamos, vão crescer fortes, vão virar guardas.

Marido: E vão proteger o duque dos nossos filhos...

Falco: O sangue é o que o sangue sabe. Os guardas do duque não tinham 3
dos nossos filhos, mas o sangue deles é de lobo, não de ovelha.

Pastor: Tudo que para filhos cobra eu tempo com eles no deque, então o
sangue deles também vai ser sangue de lobo.

Haride: Também vai fazer isso se eu ainda tiver outro filho... Mas o diabo
é que o duque um belo dia pode entrar na tua casa e levar um filho
tão pequeno, de sangue novo e sem-fim ainda.

Falco: E você então, mesmo dia, que sangue vai usar? o de ovelha ou o de
lobo?

Haride: Se você usa o teu sangue de lobo, não te matam como lobo.

Falco: Mas se você usa o teu sangue de ovelha, não te deixam viver.

Haride: Como ovelha.

(Neste ponto, os três já chegaram até sempre novamente a rede,
ou rede de fuga)

Pastor: (Olhando intrigado para um ponto afastado) Não sei. Parece que as
ovelhas estão acordadas.

Falco: É, o vento mudou de direção.

Pastor: Nunca vi isso.

Falco: Eu já vi, no tempo em que o rei passou por aqui. No dia em que
o adeito do rei chegou, o vento mudou de direção. Era tantos
cavalos que todas as ovelhas do duque não eram tantas; e naquele
tempo o duque tinha mais ovelhas. Cada cavalo tinha um cavaleiro,
e cada cavaleiro uma fme longa de couro e de malha. E era
muito, mas nunca via espartos; os cavaleiros entravam nas cabanas
e já então matam as mulheres. Vi um pastor que morreu defendendo
a sua mulher.

Pastor: E as mães, e que ficaram?

Falco: Ficaram olhando o outro morrer.

Pastor: Não é isso. O que ficaram pra defender suas mulheres?

Falco: A mesma coisa - ficaram olhando.

Haride: (Movendo a cabeça e se deixando ficar mais à frente. Mostra as
gargalhadas) Então foi por isso? Foi por isso?

Pastor: Foi por isso e que?

Haride: (Ainda rindo) Foi por isso que eu nunca entendi uma história que
o rei foi contra quando eu era menino... Ele era caçador de
montanha, e sempre dizia pra mim nunca ir viver na planície como
pastor porque "na planície, meu filho, se vai se quanto passa

cavaleiros com espadas pra atravessar as mulheres"; e eu perguntava: "e elas morrem, não?"; e ele: "não filho, continuam todas vivas nas atravessadas". (Ri)

Pastor: Não tem graça: minha mulher ninguém atravessou.

Felha: Era muito cavaleiro, não sabia lutar.

Pastor: Mas depois com que cara os pastores olharam para mulheres?

Felha: Não sei: mas o único que lutou nunca mais olhou mais...

Maria: ...e a mulher deve ter sido atravessada de mesmo jeito.

Felha: Era muito cavaleiro... No outro dia, quando todos foram embora, parecia que um furacão tinha passado: então o vento tornou a virar de direção, depois acabamos até hoje.

Pastor: As ovelhas continuam espantadas.

Maria: Podia ser cheiro de lobo e que está espantando elas...

Felha: Elas estão presentindo.

Maria: ...mas não existem mais lobos nesta planície.

Pastor: Presentindo o quê?

Felha: Os animais presentem, cheiram no ar o que vai acontecer. Antes do terremoto os gatos abanavam o caso, os cachorros latam pelo vento, os pássaros gestam as asas na guilota, e até as ratinhas saem pra luar. Antes da tempestade, quem procura nos olhos das outras e dos animais encontra um luar de repente.

Pastor: Mas - agora - as ovelhas estão presentindo o quê?

Felha: Estão presentindo lobo.

Maria: Não existem mais lobos aqui, só nas montanhas.

Felha: Mas as ovelhas estão presentindo lobo.

Maria: Eu bebo e você fica bêbado!

(A mulher volta)

Mulher: A não morre.

Felha: Eu disse que esse vinho não tinha gosto de vida.

Mulher: Mas a criança está viva.

Felha: Eu disse que esse vinho também não tinha gosto de morte.

Mulher: É uma criança forte. É homem.

Pastor: (Atordado, estranhado) O vento parou - de repente!

(Cessam as aves)

Felha: Mas as ovelhas continuam espantadas.

Maria: Nascem os lobos

Interior de uma cabana de pastores: fogão, mesa, tapetes de couro, cachaça de melas. A Mulher paparica é ser identificada, depois por diante, como Mãe, e o Haride como Pai.

A Mãe está amassando pão. O Pai entra com barrilete de vinho)

Mãe: Onde você foi arranjar vinho?

Pai: (Já chorando e bagulho) Entreguei este barrilezinho perto do rochedo, faz mais de um mês e, agora que eu tinha a sorte de tomar um pouco de vinho, depois eu se arrijar lá, bem no lugar onde enterrrei o barrilezinho. E hoje eu estava lá por perto sem as ovelhas quando vi passar um carroção cheio de barris de vinho. Perguntei pro arrecozeiro "pra que são esses barris, é arrecozeiro?", como se eu não soubesse que só pediam ser pro castelo de duques. E o arrecozeiro "vão pro duque", como se não soubesse que eu estava cansado de saber que só pediam ser pro duque. Mãe veio e para conversar com aquele arrecozeiro - ele está sempre no castelo, e confirmou que o duque continua doente. E sempre vai fazer pro duque o que nenhuma ovelha conseguia fazer...

(Bebe alegremente um ou dois)

Mãe: Mas o castelo de duques não tem vai cair e o filho já vai estar no lugar... não vai pra pra tanta alegria. Com o arrecozeiro que você arranjou o vinho?

Pai: (Ignorando) É, o duquesinho já está melhorando... Eu perguntei pro arrecozeiro "por que o duque mudou tanto vinho?", e o arrecozeiro "o filho do duque quer muito beber"; vinho ruim, o arrecozeiro sabe que é pra beber o vinho das guardas.

Mãe: Foi com o arrecozeiro que você arranjou o vinho?

Pai: Não, mas quando vi aquele carroção cheio de vinho lembrei do barrilezinho que eu tinha enterrado e pensei: "tudo o vinho que urijar lá na terra já deve ter caído aquele barrilezinho", e foi lá desenterrrei aquele cheinho.

Mãe: Você deu alguns ovelhas pro arrecozeiro ou trouxer de vinho, o fiscal do pagão vai descobrir.

Pai: Não vai não. O arrecozeiro trouxe um pouco de cada bagulho grande pra vender este barrilezinho novo, ninguém vai descobrir.

Mãe: É que eu estou dizendo é que o fiscal já está descobrir que

Falta uma na retorta.

8

Fra: Não sei não: foi que carroceiro umaovelhinhaseve que morreu depois queagidoem foz a diadma contagou.

Mã: Eu vos de trazer ovilha por aquilo vós devia ser trocado por trigo. Isto é o diadma ~~de~~ que faze nesta temporada; o trigo acabou.

Fra: Até aquela que achada do fipocal?

Mã: Até aquela.

Fra: Mas esta não se accorda mais do que aquela!

Mã: Mas acabou; certo não eu fiz mais pão do que nunca. Isto não o Lobo viveu homem, está aporrido feito porco.

Fra: É, ele como mais do que eu agora! Mas também é mais alto que eu, e mais farto; devia ser filho meu.

Mã: Por que vós não esqueceis que não é?

Fra: Não posso esquecer a verdade e acreditar na mentira, malhei!

Mã: Não é preciso acreditar na mentira, é só esquecer a verdade.

Fra: (Travessete, mas já tomado pelo velho) Esquecer a verdade já é mentar... Mas no caso de Lobo a mentira até que é melhor que a verdade. (Fala como se se dirigisse a Lobo, se não estivesse) "Lobo, meu filho, eu queria te dizer, faz muito tempo, que é mentira que vós é meu filho. Em verdade, Lobo, vós é filho meu, porque ele correu porque era muito bonito nas muitas frons do parto..."

Mã: Fala a bone, homem! (Anaga o pão com redobrado vigor)

Fra: "É o teu pai, meu filho, não sou eu. Tu pai, Lobo... ad as ovelhas vivem quando ele correu atrás de tua mãe e destruiu ela no capim, uma tarde muito antiga, nove meses antes de vós nascer.

Mã: Se ele chega...

Fra: "E nenhuma ovelha disse quem era ele, Lobo, mas tua mãe te perguntar e agora; ele só disse que..."

Mã: Se ele chega e te ouve...

Fra: (Voltando a falar a ela) É, ele não é quem-am a gente...

Mã: Longe do besteira, homem...

Fra: ...ele é agora do mater se souber, ele não tem tempo de pastar.

Mã: É que aquela mulher disse alguma coisa repetita, e vós já devia ter esquecido.

Fra: Mas nunca vou esquecer; eu não sou o Lobo. Podia ser filho meu e é filho de um guarda de depois!

Alc: E os guardas do duque também são não filhos de pastores? 9

Jos: Isso é que eu não gosto de lembrar, mulher: que o nosso filho de verdade também é filho do duque!

Alc: Brevemente, homem! Não se impertua e não diga por favor trazer o príncipe.

(O pai acorda no quarto uma mulher que está deitada.)

Jos: Fazer sinal pro filho de mentira trazer o príncipe... (Vai até a porta, fica agitando lentamente a lanterna) Não chegando, vai abanar mais muito. Quando volta ele é um pouco mais triste, parece que quer sair com a vento... Ele não tem sangue de pastor.

Alc: Mas também não tem sangue de lobo, homem, deixa de bobagem.

Jos: Basta espiare o jeito que vestiam quando ele nasceu. (Olhando ao longe) Acenderam uma fogueira no castelo do duque.

Alc: Então querendo avisar alguma coisa.

Jos: E, está avisando. Você fez queijo, mulher?

Alc: O duque morreu: é isso que está avisando!

Jos: Você fez queijo, mulher?

Alc: Estou dizendo que o duque morreu, homem!

Jos: E eu estou dizendo que não vamos comemorar com pão, queijo e vinho, mulher! Quem sabe a vida melhor daqui por diante!... (Gritando para fora) Vem, lobo, vem! Quem sabe a vida melhor daqui por diante!

(Na cozinha. Mãe está à mesa, amassando pão; o Pai está na cama, deitado. Lobo entra.)

Lobo: A vida está cada vez pior, mãe. O fiscal disse que o dogue quer mais queijo.

Mãe: Como vai fazer mais queijo? com que?

Lobo: O fiscal contou as ovelhas leiteiras, disse que na outra semana dá pra entregar mais cinco queijos. E mais uma ovelha dos óris.

Mãe: Graças a Deus.

Lobo: Deus está deixando o dogue cada dia mais rico, mãe.

Mãe: Bate na boca, filho!

Lobo: (Começando a tragar um cordão do couro) É o pai?

Mãe: Continua daquele jeito.

(Agora, o choro do pão vai ao tingindo do vermelho à medida em que a mãe o amassa.)

Lobo: O dogue quer mais queijo porque aumentou a guarda, tem mais booms pra comer as castais; ele tem medo.

Mãe: De que o dogue tá ter medo?

Lobo: Não sei, mãe, mas ele tem medo; então pra que tá precisar de tantas guardas?

Mãe: Não é bom pensar que o dogue tem medo.

Lobo: Por que não, mãe?

Mãe: Porque a gente pode pensar que ele está fraco, e pode querer experimentar se é verdade com frequência.

Lobo: Isso mesmo, mãe, o dogue deve estar se sentindo fraco...

Mãe: Mas quanto mais ele sente que está fraco, mais guardas arranja e mais forte fica.

Lobo: A senhora pensa com medo, mãe; é melhor pensar que quanto mais guardas ele arranja, é porque está ficando cada vez mais fraco. Eu queria saber de que ele tem medo. O pai falou hoje?

Mãe: Não.

Lobo: Se o pai conseguisse conversar eu ia perguntar pra ele de que o dogue tem medo.

Mãe: Tem pai não ia saber.

Lobo: O pai me dizia muitas coisas, mãe, quando a gente pastoreava. (Mãe fica em suspense, pra de amassar o pão)

Lobo: Uma vez ele disse que existem homens com sangue de ovelha e 11
homens com sangue de lobo; e eu perguntei: e a gente já nasce lobo
ou coelho, pai, ou depois é que fica?

Mãe: É ele...?

Lobo: Disse que não sabia, mas que tinha certeza depois estava o lobo pode
virar ovelha e a ovelha pode virar lobo. Disse que ele mesmo já
teve sangue de lobo, depois virou; e disse também que eu não tenho
sangue de pastor, tenho sangue de lobo.

Mãe: Tu pai acreditava no folclore que ele mesmo inventava.

Mãe enfia o pé no forno, e começa a mexer o caldãozinho de sopa no
fogão)

Lobo: Outra vez eu perguntei porque a vida não melhorava. Ela não
respondeu, mas contou uma história. Lembrou que, quando eu era
menino, tinha perguntado pra ela, que muito claro, quantas
estrelas tem no céu; e ele tinha respondido "nem dá pra contar até
hoje conseguiu contar". (Começa a narrar em duas vozes) Eu
perguntei: "por que não, pai?". "Porque um pastor não conta até
vinte, não é preciso mais que isso pra contar ovelhas. Espiram
outros minutos depois de vinte, filhas, mas um pastor não precisa
saber disso; quando o rebanho tem mais de vinte ovelhas, o pastor
conta até vinte e depois começa a contar de novo; conta vinte uma
vez, conta vinte duas vezes, conta vinte três vezes, até vinte
vezes vinte se for preciso, mas nenhum rebanho é tão grande. E as
estrelas são muito mais que vinte vezes vinte". Então ele contou
que eu pensei muito disso, até que voltei ao assunto: "pai, a
gente pode contar vinte vezes vinte estrelas e separar uma ovelha,
depois contar mais vinte vezes estrelas e separar outra ovelha,
até saber quantas vinte vezes vinte estrelas o céu tem". E ele:
"não vai terminar a conta, filho, porque você vai acabar separando
vinte ovelhas, e o céu tem mais estrelas que vinte
vinte-vezes-vinte ovelhas". E eu: "mas a gente pode contar
vinte vinte-vezes-vinte estrelas e separar uma ovelha por vez, pai;
depois mais vinte vinte-vezes-vinte e outra ovelha por vez, e
assim por diante". E ele: "você vai acabar separando vinte ovelhas
por vez mas não vai contar a conta, filho, porque o céu tem
estrelas que aparecem um dia e desaparecem no outro, e se fim
das contas o céu tem mais que vinte vinte-vezes-vinte-vezes-vinte

estrelas". Então eu pensei muitos dias, depois voltei no assunto, mas ela disse: "pra mim chega; você não tem sangue nem cabeça de pastor, filho". (Volta a falar diretamente à mãe). Essa história que você contou, mãe. Quando ela terminava, eu disse que não gostava de ser tratado como se eu fosse uma criança, e que isso não tinha nada a ver com a vida política, eu não, porque a conversa toda tinha começado porque eu queria saber porquê a vida não melhorava. Ele viu, e falou que eu era o único pastor daqui que já tinha começado em contar estrelas, e que por isso eu devia saber melhor de que ninguém porque a vida não melhorava. Mas não sei, mãe.

Mãe: Sem teu pai sabe, nem ninguém. Você quer saber outra?

Lobo: Você fazer um arco, mãe.

(Tirando uma extremidade da corda sob o pé, e a outra parte do corpo e em seguida a retoma, como se o próprio corpo fosse o arco)

Mãe: Você quer?

(Lobo continua retesando a corda)

Mãe: Você quer um arco?

Lobo: (falando a "flocas") Você atirar flechas, mãe - pra que serve um arco?

Mãe: Um pastor não precisa atirar flechas, a planície não tem mais lobos.

Lobo: Você sabe fazer com o arco, mãe.

Mãe: Você sabe o que existem as armadilhas.

Lobo: Algumas bichos usam nas armadilhas, mãe, outros não comem e não vão e, portanto tem essas caça que sai as armadilhas.

Mãe: Não vai falar de um pastor quando tem arco, só quando.

Lobo: Então você sou o primeiro, mãe.

Mãe: Pode ser o último. Ele ajuda a dar a sopa pro teu pai e para a cabeça dele.

(Lobo vai até a casa e suspende a cabeça do pai, enquanto a mãe recolhe a cura de sopa no fogão)

Mãe: Com a cabeça erguida ele estava engulindo um peixe.

Lobo: (Enfrentando a cabeça do pai) O pai não precisa mais de sopa, mãe.

(Ela continua em pé com a cura na mão, atordada. Lobo aponta as sinaturas a corda que acabara de fazer)

Lobo: Então do rebento até eu voltar, até amanhã à noite, mãe.

Mãe: O que você vai fazer, filho?

Lobo: Eu precisava mesmo sair até as montanhas pra arranjar madeira pro arco.

(Lobo suspira e corre de pai sobre os outros)

13

Mãe: O que você vai fazer, filho de Deus!

Lobo: O pai sempre falou que queria me enterrar na montanha, perto dos lobos.

(Lobo carregando o corpo do pai)

(Lobo entra fatigado e suja. A mãe está sentada no chão, ainda atordoada. Quando Lobo entra, ela desperta, trata com ele como a mãe, no mesmo tom.)

Lobo: O pai está com os dentes, mãe.

Mãe: Então agora descanse, filho, esse.

Lobo: Alguém já sabe que o pai morreu, mãe?

Mãe: Não, filho, depois a gente avisa os outros, descanse agora.

Lobo: E não passou ninguém por aqui, mãe?

Mãe: Não, filho, só deu guarda: agora coma, descanse.

Lobo: O que eles vieram fazer, mãe?

Mãe: O duque proibiu a caça aqui na propriedade, eles vieram avisar.

Lobo: Eu sei da proibição, as guardas se tiram.

Mãe: Nunca ter que viver de batatas. Como antes que eu nasci, filho, desde antes que você...

Lobo: Não tenho tempo, mãe!

Mãe: O que você tem que fazer, filho de Deus?

Lobo: Eu tinha que covar uma sepultura aí fora, mãe, mas agora não adianta mais.

Mãe: Não adianta o que, filho? Você não enterrou...?

Lobo: Enterrarei o pai sim, mãe! Mas eles não deviam saber que enterrarei as montanhas. (Pausa.) E agora eles já passaram aqui, e eu não estava. Eu preciso fugir, mãe.

Mãe: Fugir de que, filho de Deus, pra onde??

Lobo: Três montanhas, mãe. Eu matei um guarda lá.

(Ela se deixa arrastar sentada sobre o chão.)

Lobo: Eu tinha enterrado o pai, estava arrastando pedras pra cobrir a covas, mas os lobos desenterraram pra comer. Então apareceu um guarda, devia estar esperando para saber o que eu tinha enterrado. Eu expliquei mas ele não acreditou, disse que devia ser trigo. Então eu caço proibida que eu tinha enterrado, foi então que fiquei sabendo que o duque proibiu a caça. Tive que matar o guarda, mãe, enfureci ele com a minha corda, ele queria que eu desenterrasse... Levei o corpo pra longe da cova do pai, depois deixei rolar pela montanha, e espantei o cavalo dele; mas deve ter ficado a marca da corda no pescoço, ele desconfiar que ele não caiu do cavalo... Tenho que fugir, mãe.

- Mãe: Foi o que você falou, filho, aqui era sepultura aqui perto, 15
lá era sepultura falsa; ninguém deve ter visto você indo pra montanha
então com o teu pai, era de noite...
- John: Mas quando dissei era de manhã, mãe, as vires; e os guardas passaram
aqui, também viam que eu não estava...
- Mãe: E agora você saber que certeza quem foi, filho; mas se você fugir
eles vão ter certeza.
- John: O pai me enganou, mãe; o gente pode sentir uma opelinha de vez em
quando, mas eles não podem nem desconfiar... Eles não precisam ter
certeza pra matigar, mãe; e o castigo pra quem mata é a morte. Foi
pra matar eles; é mais seguro armar, e lá eles não se pegam.
- Mãe: Então leva o corpo, e o matil. (Vai a entrar osia) Pora, é mal.
Assi mataram, durou dias.
- John: Expressa, mãe. (Vai até a porta, olha o céu) Continua ventando, e o
céu continua escuro; a tempestade vai se ajudar.

Cena 1

(TODOS O SOMENDO LTO PARA O SALÃO DAS MEMÓRIAS DO CASTELO, ESCREVA E INCLINAM-SE)

UM ESTRADO, LONGO, DE PÉ, GALGOS ABERTOS E MARRANHOS, PERLIDO, NO COTADO EXTREMO, O PORTA, EM CUIA CELA NÃO HÁ NIS QUE ALGUNS VELAS PELES DE OVELHAS ABORTADAS SEM CASTO, PARA SERVIR DE CLAMA, O PORTA DE CLAMA EM ESPERÇOS DE MEMÓRIAS

PORTA: Tu vale entre muitos vales
de mais verde natureza,
um bunado em seu dague
de mais antiga natureza;
cada pastor quando canta
cada ovelha quando bala
perdem vida para o dague
como chora para o vale
Para sempre chorará
sobre o vale verdejante
Para sempre chorará
O dague tem seu sobre sangue...

Não, não riem direito

O dague sempre viverá...
também não.

Para sempre chorará
sobre o vale verdejante;
no castelo sobre o vale
sempre o dague viverá
como as estrelas radiantes...

Não, assim já é demais...

(VOLTA ENFRENTE A MESMA ESCREVA, ELASPERANDO)

sobre o vale verdejante
para sempre chorará;
o dague, pastor de homens,
para sempre viverá.

O duque, pastor de homens... será que ele vai gostar?
Pastor de homens... Será que ele vai entender? Santo Deus, ter
que fazer uma poesia que ele goste e - ainda mais - que ele
entenda! (Deixa-se abater, mas logo se remane forçosamente)
Melhor não.

O duque se vai sozinho
para sempre viver.

Logo!

Entre a vida verdadeira
para sempre viver;
e duque em sua bondade
para sempre viver.

(Toma a repetir a última estrofe, enquanto o Capoteiro e os
Guardas estão bebendo e bebendo, vão até Lobo, começam a
apressar-lo apressadamente nas pernas para doloridas. O ator que
foi o duque decaí e o mesmo que foi o pai de Lobo. No mesmo
verso da estrofe que o poeta declina, Lobo vive de dor!

Nota: Alguns infelizes está conhecendo a bondade do duque...

(O poeta continua a repetir suas versos, sendo o infeliz, com
impotente dor, sua orquestra de justiça dor, enquanto o
apressamento e os tipos de dor continuam)

Nota: Não que é o tal de Lobo...

Nota: (Apresentação contínua apressando) Mostra as pernas, Lobo! Mostra as
pernas, Lobo!

(O Guardas pisa e não pela face de Lobo, e a fétida com sangue)

Nota: Olha, sangue de Lobo...

Nota: (Apresentando) Olha, Lobo, viva, Lobo!

(Lobo vive dolorosamente; o Poeta continua sua última estrofe em
dolorosa dor; o Capoteiro e o Guardas estão apressando de
apressar, Lobo. O Poeta se deixa arrear sobre as pernas, repete
novamente as estrofes, em suspiros atordados)

Nota: Agora podemos descansar ele com esta...

(Começa a descansar Lobo, que está prostrado)

Nota: O duque mandou deixar ele junto com o poeta.

(Tentando de descansar Lobo e o começa a gritar para a sala)

Carcer: O poeta hoje quis me passar uma conversa mais... Eu comendo 18
carne e bebendo vinho e ele sepiando da porta: "Você sabe,
carcereiro, todos nós somos irmãos..." - e olhava comprido pra
minha carne e pro meu vinho; desde que ele entrou aqui ele come
batais... E ficou um tempo nessa conversa, "todos nós somos
irmãos, carcereiro; você não é cristão, carcereiro?".

Quarta: E você?

Carcer: Ah eu não aguento mais.

Quarta: E dou carne e vinho pra ele?

Carcer: Não, dei água e batata.

(Riso)

Carcer: As batatas dentro da tijela da água...!

(Riso. Estão diante da cela, abrem a porta e jogam Lobo dentro)

Quarta: Ah-noite, poeta, estão te tirando um "irmão".

Carcer: E fique lembrado; o diabo me passou quem mandou: "betem ele junto
com o poeta".

Quarta: Pra te dar inspiração.

(Afastam-se vindo e bebendo)

Quarta: Agradeças ao duque por mim; nunca me esquecerai de tanta bebedeira...

Duque ao duque ele viverá sempre na tua coração.

(Lembrando da última catrofe)

Sobre o vale verdejante

para sempre chorar;

e duque nos corações

para sempre viver.

(Na sala. Lobo está deitado no chão. Peste percorre o curto espaço da sala, deambulando)

PESTE: Como as ovelhas próximas
de um pastor com sua ajuda,
não proximam-se de um duque
Prá curvas pastoradas,

O duque no seu castelo,
na pindaola oculta vida;
o pastor sobre os rachados,
as ovelhas protegidas.

LOBO: Você disse que era peste.

PESTE: Você estava acordado?

LOBO: Estando olhos fechados.

PESTE: Mas de olhos abertos.

LOBO: Você disse que era peste; mas não disse que era peste de du
que. (LOBO SE LEVANTA ABALUADO, BOLANDO - E DESCONFILADO)

PESTE: Aqui, agora, era peste de quatro paredes,

Prisão, quatro horizontes

Cada pedra encontra pedra

pr' formar quatro paredes; que formam quatro horizontes

sem céu, sem mar, sem terra.

LOBO: (DE PÉ, HOSTIL) Não soude de assunto eu sou: "as ovelhas /
próximas de um pastor com sua ajuda..."

PESTE: ...não proximam-se de um duque

Prá curvas pastoradas.

Mas não era peste de duque;

era peste da prisão de duque.

Prisão, quatro paredes

com entradas e saídas

- porque prende o prisioneiro

mas não prende o que ele acha.

LOBO: Não soude de assunto; porque você está aqui?

PESTE: Porque gosto de duques

LOBO: (LOBBANDO) Por que te puseram aqui?

Poeta: (Ainda bem humorado, mas já cuidadoso)

20

Muita calma, muita calma, eu explico.
Um poeta é um pastor, mas de palavras.
Um poeta é um ladrador, mas sua língua
é de saliva; e a colheita é de rima.
Os duques, seus filhos, seus tios e primas
gostam de patos e de postas na neve;
de pato e carne, e da poesia a beleza;
mas o pato morto pra ir no banquete
e a poesia vai palitar as doctas.
De banquete em banquete, castelo em castelo
ou sopo pates - o arrete vira-se bolos.
O poeta entre os nobres não morre à miséria;
esperando tomar equidade com a língua.

Leão: Quero é saber porque te puseram aqui....

Poeta: Porque não terei cuidado com a língua...

Um duque me veio corra ao castelo.
Um poeta não deve se meter de vista.
Um poeta há-de vir a si mesmo.
Um duque tem os olhos e o olhar.
No castelo eu falei há-de pra fazer:
"um negro os duques não atornos" - e logo
me quando veio no pizar pelas cortinas
e lá o duque, que estava numa janela.
O duque mostrou os trigueiros na planície,
os colmos, as montanhas, depois disse
"vê o galho e trigo dentro do dos dias".
E eu: "Um belo momento pra um poeta".
E ali: "E pra você ter tempo e atempio,
vai fazer com poesia no priado".
E eu: "Faz um dia". E ali: "Galho os dos".
Tem que sair bom da primeira vez.
Muito bom, um ruin com mais os meus.
Porque você não pode parier o priado".
E eu: "Nem assim é um priado completo...".
E ali: "Mas o priado é grande: a tua vida".

Leão: Você falou muito, mas não disse direito porque está aqui.

Posta: Porque eu tinha dor, agora não disse
pra trocar a vida por uma poesia
que diga porque os duques não otornem...
Este é o assunto que ele manda pra poesia: "os duques não
otornem"!

Leão: Mas não é...

Posta: Por isso essa prisão é pior que o inferno!
Se o quequeto fosse a colheita de trigo... ou a balança das
montanhas, ou um amor partido...
(O Carcereiro se aproxima e, pela "vigia" da porta, joga batatas
contínuas para dentro da cela, uma de cada vez)

Carceiro: Já táia hoje está bom, poeta... (Sempre vai jogando as batatas)
Corno de aço... corno de peixe... vete... e está bom! (Joga a
última batata e começa a comer uma maçã de verdade, fala com a
boa boca) Nunca vi uma maçã tão verdadeira, poeta - você nunca
foi uma poesia falando de maçã, poeta? Eu nunca fiz. Mas
contá... (Ri) E salame? (Depressa as salame que tem sempre
escondido no sistema, e enfia pela "vigia") Você nunca fez poesia
falando de um salame? Fica com ele, faz uma poesia falando de
salame; eu gosto do salame, então vou gostar da poesia. Faga
agor. Faga, pode pagar.

(O Posta atende a mão, o Carcereiro pega o salame)

Carceiro: Passa aqui bon, poeta, é melhor você ficar com a poesia, ou ficar
com o salame. (Ri e começa a se afastar) Bem agorito, poeta.
Tira os capinhos do peixe.

Posta: (Na "vigia") E pra ele?

Carceiro: Ele não come está falando. (Ri)

Posta: (A Leão) Falar o que?

(Leão não responde, Posta aponta as batatas)

Posta: Dura pra mim, dura pra você.

(O Posta mantém as duas, Leão não tem as duas)

Posta: (Comendo) O peixe está bom; o corno de aço, não está bom. O que eles
querem que você fale?

Leão: Que eu meto um guarda.

Posta: E você mata?

Leão: Por que o duque quer saber? Pra se falar ele não precisa ter

certos... (Lobo e Lobo vão para o lado de fora, deixando a porta aberta)

Fúria: Ele tem medo.

Lobo: De quê? (Lobo e Lobo vão para o lado de fora, deixando a porta aberta)

Fúria: Ele tem medo do pastoreiro que aprendeu a matar; um aprendiz, pois ensinar os outros; então a culpa precisa matar logo aquele que aprendeu...

Lobo: (Compreendendo) ...mas não é preciso ter certeza de que é assim o que aprendeu...

Fúria: Você sempre pensando que os selvagens... aqui pra você se esconder, pra depois eu contar pra eles...

Lobo: É, mas...

Fúria: Mas agora não precisa mais se esconder. Não quero saber...! Eu acho que não aguento mais pensar em falar, e se os lobos não conseguem me ouvir...

Lobo: (Pra si mesmo) Eu vou viver enquanto o dia não tiver certeza.

Fúria: Enquanto gurgate. Por enquanto como os lobos enquanto você pensa; se as tentativas mais do novo, você vai apertar as dentaduras.
(Lobo começa a comer as batatas)

Fúria: Você não sabe quando elas tem; eu só tenho mais sete dias.

Lobo: Você não vai morrer.

Fúria: Mas se o dia não gostar muito da comida, pois eu tenho de volta pra cá; pra ficar aqui quem sabe eu não fazendo mais malhar. E ninguém aguenta viver em um dia à vista do batata...

Lobo: O dia não gosta da comida, e o dia não gosta; mas a colheita os pastores no plantio estão vivendo de batata.

Fúria: Já não é colheita...

Sete noites, sete dias.

Mas se conseguem pra dentro
alguns vermes em volta.

Mas pra colheita precisa

o dia das grandes possibilidades

(Mortuos e guarda os aprendizes)

Guarda: Um lobos eu não gosto de lobos em ninguém.

Fúria: Mas o tempo você se acostuma.

Guarda: Não sei; por enquanto sou lobos eu não gosto de lobos em ninguém.

(Chamam a "vigia"; Guarda fala com lobo através da porta. Carreira corre e come batatas do seu colmo)

Guarida: Escuta, ó pastor, confessa logo que foi você quem matou; te vimos carregando o corpo dele na montanha...

(Porta faz sinais vocálicos a Lobo, provocando o engodo)

Guarida: Se você confessar, morro logo; se não confessar, morro daqui a uma dia, e até lá não vai ficar um dia sem apenar.

Lobo: Não peço; ninguém, fui até a montanha enterrar meu pai. Um dia vão descobrir quem foi, e se eu confessar já vou estar morto nesse dia...

Carro: Você já está morto de qualquer jeito...! (As Guardas) Deixem de encrencas, se do tipo dele preferem morrer de pancada do que girir a boca. Vamos trazer ele logo.

Porta: (Insuperando, a Lobo, enquanto Guardas e Capangueiros abrem a porta) Mesmo que não foi você quem matou, vai acabar sendo morto; porque você apenou muito, agora você enche o dolo.

(Lobo tenta resistir, encostado à parede; é golpeado na região solarium, e levado, quase prostrado de dor)

Guarida: Sem beber eu sinto ruiva do bater em alguém encurado.

Carro: (Investigando solame) Eu sinto fome, beber se já fez:

(Leva Lobo até o local usual do esparcimento, e o vê enervando. O Porta, na sala, declara)

Porta: Se lobo quando morre é no espaço aberto.

Podem correr latando, até o último tacho.

Podem continuar com a flecha no lombo

latando até o coraçõ tocar no peito.

Depois que um lobo morre a gente ainda escuta

as pedras rolando, e o sangue que corre.

Porque num lobo a última coisa que morre

não é o coraçõ, mas a própria luta.

Mas um lobo encurado entre quatro paredes

morre feito um esbrito.

(Lobo recebe a primeira pancada, e vive de dor).

...Mas os vivos,

os vivos que dizem "o lobo está morrendo"

também dizem "o lobo é lobo continua vivo!"

Lobo: O guarda fala que não gosta de beber sem beber, mas quando não bebe bebe mais que quando bebe.

Porta: Porque ele quer se aborrecer.

Lobo: Esse guarda é a casa de meu pai, até a voz é igual.

Porta: Então todos irmãos...

Lobo: Uma noite perguntei pro meu pai porque a vida não melhorava. E ele contou que eu queria contar as estrelas do céu quando era menino.

Porta: É a que tem isso a ver com a vida melhorar ou não?

Lobo: Ele disse que eu sei e deixo pagar por aqui que ainda tivesse as contas de estrelas; e que por isso eu devia estar melhor do que ninguém porque a vida não melhora. Mas eu não sei, será que eu depois não estorneo?

Porta: Mas as estrelas não estornam.

Lobo: Você é porta.

Porta: Mas não sei logo nem tudo, eu sei que eu depois não não estorneo. Existem terras onde não existem mais diques, os reis estão acabando com os diques; aqui mesmo eu sei que já quebrou um rei com um cadeado, faz muito tempo.

Lobo: Meu pai contou que contaram isso pro ele; e que um pastor por causa de malhar ovelhas latando dentro os moinhos do rei...

Porta: Eu viajei a vida, vi terras onde os pastores podem ir de um lugar pro outro sem pedir permissão pro dique nenhum...

Lobo: ...mas meu pai também contou que os outros pastores ficaram aliando quando aquela pastor malhar latando...

Porta: ...e existem terras onde tem gente que vive de comprar e vender as ovelhas, sem precisar entregar até as filhas pro dique. Os reis estão acabando com os diques; os diques não não estornam, Lobo.

Lobo: E os reis não toam? Os pastores não precisam entregar as ovelhas pra eles?

Porta: Frequentem... mas podem vender algumas.

Lobo: Por que os pastores não são donos de todas as ovelhas?

Porta: Não sei, não sei; mas sei que os reis também não não estornam.

Lobo: Como é que você tem certeza?

Peito: Mas as estrelas são eternas, Lobo.

Lobo: Como é que você tem certeza?

Peito: Se as estrelas disserem isto, eu sei; mas existem coisas que não sabem, que estão as estrelas há muito tempo; e elas sabem que elas não são eternas, e não sei que alguns têm certeza.

Lobo: Queris contar isso pra sua pai.

Peito: Melhor contar pros meninos, eles que estão estrelas.

Lobo: Sua pai conhece um pastor, há muito tempo; um pastor que temperava a comida dos filhos com leite pra fazer. Esses meninos hoje devem ter saudades - será que se alguma pagarem a mulher de um deles as estrelas vão ficar aliando?

Peito: Não sei; sei que existem terras onde os pastores já lutaram juntos.

Lobo: E quando?

Peito: Não... não...

Lobo: ... mas pais meus já lutaram juntos; aqui não isso. (Sem clareza de entendimento) E disse que o depois tem nada! Ele deve saber que as estrelas terras os pastores já lutaram juntos. E disse que o depois tem nada!

Peito: Quando a gente sabe que não as estrelas são eternas, a gente começa a entender uma parte de coisas; mas quanto mais a gente entende, mais aprendem coisas pra entender...

Lobo: Melhor que não entender nada! Sua pai disse que os não tenho sangue de galinha; e agora eu sei, devem existir coisas com eu; e não aprender coisas.

Peito: (Inchando os braços) E mesmo um sangue de galinha pode virar sangue de lobo...

Lobo: Se os pais não fugir...!

Peito: Se os pais não dizem que os depois não são eternas...!

Lobo: Deve estar contando forte lá fora, e muito longe não aqui; entre e ali...

Peito: Foco uma repartido entre todos os meninos e muito nos labirintos sempre, mesmo a vida. Depois continua lá fora e livre como o vento.

Lobo: Meu pai disse que eu tenho sangue de lobo, minha mãe disse que eu tenho sangue de vento... Se eu pudesse ser inteiro de vento...!

Feito: Correr livre pelos campos,
ir entrando nas colinas
pra gritar: aqui estou!

Lobo: E os pastores iam ver

Feito: e dizer: ele ventou!

Lobo: Sair daqui como vento

Feito: ir soprar o cartão
de cada menino novo...

Lobo: Ver de novo minha mãe...

Feito: Entrar ventando violento
no cartão desse povo
e falar em cada ouvido
que os diques também temem
assim como são temidos!

Lobo: Ia ser bom dizer isso,
dizer que o dique tem medo

Feito: e gritar em todo canto
onde puder entrar vento:
os diques não são eternos
nem aqui e nem no inferno!

Lobo: Se eu pudesse ser vento...!

Feito: Correr livre pelos campos,
ir entrando nas colinas
pra gritar: aqui estou!

Lobo: E os pastores iam ver

Feito: e dizer: ele ventou!...

Lobo: (Colado em si)
isso se passava inteiro
pelos espinhos e guardas...

Feito: Os arqueiros das muralhas,
os cachorros escaninhos,
tudo passa como o vento...!

Lobo: Mas eu sou de carne e osso,
(Pausa. Lobo se prostre. Feito fica em suspensão até se decidir

por continuar o clima séglio de arrebitamento, mas acanhado;
leste apenas assistido)

João: Não, eu sei...

Sou um menino, profuso
sem próprio vento - vai
me esbaldando, lento - até
cansando, aumentando,
me esbalar - até
viajar, como o vento!

Esbaldado vai pisando
terras que nunca pisou
Esbaldado sei do vento
sobre colinas e vales
e vejo um povo viscido
de um duro duque que é
viscido de um duro rei.

Vento me afia e revela
como uma espada ao peito;
com ele me lançarei....!
Vento me esbaldar
me sempre ensina do duque,
sem um ato visco
sem furo rosa de fei.

(Já totalmente viscidório, completamente crente no que inventa)

E visco, visco pro todos!
Arrebatem os arrebatados!
Do povo é o trigo do povo!
As toulas de barquete
correm pro sustento roupas
e as cortinas toulas!

E visco, visco pro todos!
Esqueçam os corações!
Máscara - quem quer mascar?
Máscara - quem quer mascar?

E essa copula do duques
pagou pra cortar o p/ol

Mas nem passaram três dias
e o gosto do vingança
na boca nem congelou
e já com seus cavaleiros
pateia com fúria o rei.

Antes do laço espremido
na escuridão de vez a vida
se arrasta no vento, vem
se embalsando, se embalsai...

Ratom...

Leão: Você está aqui!
(Poeira cai no ar)

Poeira: É, estou aqui.

Leão: E eu já pensei em toda jeito de fugir, mas a porta é forte, e o
corredor está cheio de guardas, e os muros...

Poeira: E lá fora está cheio de guardas, e os muros...

Leão: Vou correr.

Poeira: E eu tenho que terminar uma poesia falando que os duques são
diabos.

Leão: Fedi pra ver como são os ditos reis que se levaram pra apunhar.
O carcereiro disse que eu sou um confessor, vou acabar morrendo
aqui, de tanto apunhar; mas se eu confesso vou morrer na prisão,
então vou ver como são.

Poeira: Depois o duque vai acabar dando os prêmios, pra eles verem.

Leão: Será que os senhores também vão?

Poeira: Depois.

Leão: Então vou confessar.

Poeira: Você sabia como é tal coisa?

Leão: Não. É muito interessante assim.

Poeira: E se o guarda fosse esse que tem a cara de seu pai?

Leão: Já a cara. Será que vão trazer mesmo os senhores pra me ver morrer?

Poeira: (Marginalizado em pensamentos) Já a cara...

Leão: Não? Será que vão mesmo trazer os animais?

Paula: Já assisti isso; eles mesmos trazer os animais sim.

Leão: Caracaire! Vou confessor, caracaire!

(Caracaire as oprimidas)

Carac: Resolvi, não? Então o Leão resolveu, não?

Leão: Resolvi, pouco vaihe, resolvi assim... Não ir contar pra depois.

Carac: O depois quer ter certeza - como foi que você contou?

Leão: Estrangalei ele - e as pedras estranguladas do novo; estranguladas com um cordão fino, e presépio deve ter ficando arreda.

Carac: E isso mesmo. (afastando-se) E você vai ficar sem pastagem.

Paula: Você falou que o guarda tem ad a cura do seu pai, mas não é o seu pai.

Leão: (Abacrio) Os animais vão contar lá...

Paula: Escutei você não falou que o guarda tem ad a cura do seu pai mas não é o seu pai?

(O Leão vai correndo contar uma grande alegria, e o mesmo vai correndo o Leão)

Leão: Falou, falou - mas que é que isso interessa?

Paula: Isso pra mim é a coisa que mais interessa!

Leão: (Já em grande alegria) Pra mim é que interessa é que os animais vão contar lá!

Paula: (Enfático) E eu, Leão, eu vou contar pra depois uma coisa que vai falar que os depois vão morrer, mas ad no céu; ad no céu, porque na verdade vai falar que não!

Leão: Como?

Paula: (Sem nenhuma esforço mental)

A pessoa toda já foi, você conhece.

Leão: E daí?

Paula: Inf falou ad o final, e vai ser assim:

"Mas depois não morreu
engasmo e vai não morrer;
morte de outros depois
tem sangue vai morrer;
infinita distância
repetir e não depois
até infinitas distâncias".

Leão: Leão que você está dizendo é que o depois não vai morrer nunca.

Paula: Mentira! Você não sabe ler uma única palavra; então escute. 10

O primeiro verso - "nem depois não morrer" - começa com "n". O segundo verso - "conquanto a sei não morrer" - começa com "c". O terceiro "acredito de nobres depois" - começa com "n". "Tua esposa vai reviver" - começa com "t". "Infinita dinastia" - começa com "i". "Repetir a sua dor" - começa com "r". "Até infinitas dias" - começa com "a". E, e, n, c, i, r, ai forma a palavra "mentira"! Quem ler o começo de cada verso, vai ler mentira!

Lea: (Tudo de jô castidade) E é mentira!

Paula: E se é preciso dizer mais: Mentira!

(Movendo os joelhos enfraquecidos)

"nem depois renascer"

estando os cavalos todos

relaxos e sem fôlego

tecido de um riçoço

estendido eternamente".

Pela linda...

Lea: (Assim) Que palavra forma?

Paula: E, e, r, i, e.

Lea: Que palavra?

Paula: Morte....!

(Explodem em alegria, repetindo a palavra aos berros; Paula desliza novamente a ditosa estrofe, enquanto Lea repete a palavra.)

Lea: E é depois não vai morrer?

Paula: Quando ela morrer já estará longa!

Lea: Quando passar pela planície, explodem a poesia prosa pastores; alguns iam correndo aos pés girando as colinas.

(Corcoveiro e Guardá tiram a porta do salão, correm as mãos de Lobo pa-
costra. Lobo está inteiramente adormido, surpreendendo o Corcoveiro e o
Guardá, que desejam e se preparam para lutar, como sempre)

Lobo (A Poeta) Ah, nunca mais.

Corcoveiro Inútil como você tão mais que morrer.

Lobo Mas sei que é que o depois trará vai morrer.

Guardá (A Lobo, voando)

Seu depois não morrerá

esperando e sei não morrer;

mas não de outras coisas...

(Porta continua com varões, pesadamente. Lobo é levado pelo Corcoveiro
e pelo Guardá até o portão. Os portões do salão se fecham e
Corcoveiro volta a adormecer de novo. Guardá faz Lobo escolher entre
as coisas e deixar mais a esboço. Guardá se afasta alguns passos. O
Poeta, no salão, desliza e põe cada vez mais alto e alegre. O contraste
se propaga, ergue e melhora. Então Lobo, ainda de mãos amarradas,
ergue-se nas repilhas, tornando selvagem, e luta com as pernas, derruba o
Corcoveiro, expulsa o Guardá, continua resistindo como um lobo até
morrer. O Poeta, no salão, desliza com paixão e euforia).